

125

DIRECTOR  
ARMANDO  
VIEIRA  
PINTO



# *Movimento*

QUINZENARIO  
— CINE —  
MATOGRAFICO

1\$

**SÃO JOÃO-CINE**

---

**e x i b i r á**

**e m**

**m e a d o s**

**d e**

**O u t u b r o**

**Gado Bravo**

---

**o primeiro**

**filme do**

**Bloco H. da Costa**

---

# O CINEMA E A MIOPIA NACIONALISTA

---

---

Há quem pense ser a imbecilidade o pior dos defeitos; mas não é: há a desho- nestidade intelectual, que é muito pior. Vem isto a propósito dum artigo que publi- cava o n.º 88 da «Imagem», intitulado «Protecção ao Cinéma Nacional». Tal artigo é, em minha modestíssima opinião, o mais descarado frete, da primeira à última linha, a certa empresa; com isso ninguém tem nada. Mas é um frete mascarado de pratio- teirismo — reparem que não digo patriotismo —, cheio de habilidosos rapapés às necessidades do público português, que quer «filmes para portugueses, com espírito português e servindo Portugal», etc., etc.

Como tudo aquilo leva água no bico para uma outra empresa rival, cumpre-me dizer que não me interessa nada defender esta, como tampouco atacar a outra. Mas, já que no citado artigo tanto se fala nos interesses do público português, eu, que sou uma infima parcela desse público, tenho a dizer que o meu portuguesismo se acha em completo desacôrdo com aquela maneira de defender os meus interesses de espectador.

Entre várias afirmações bastante fantasistas, começarei por destacar esta: que o público português, não compreende certas maravilhas que vem lá de fora, pela simples razão de que não compreende a língua em que são faladas. E que, portanto, reclama: «Cinéma português, cinéma falado em língua portuguesa».

Confesso — parece que tenho de pedir desculpa à «Imagem» por tamanha falta de patriotismo! — que desde sempre me apaixonou supremamente nos filmes estran- geiros a revelação de costumes, de maneiras de sentir e pensar, de ambientes, de paisagens, diferentes daqueles que tinha sido dado conhecer à minha experiência de português que fora do seu país nunca ultrapassou Barcelona. E creio não ter per- dido nada com isso, muito pelo contrário! Generalizando, creio que se a juventude portuguesa de hoje nos aparece mais desempenada, mais sã, menos «fadunchenta» e mais alegre, sabendo apreciar o ar livre, o sol, as fortes alegrias desportivas, isso se deve em grande parte ao cinema — neste caso principalmente ao cinema americano — o qual, pela sua enorme fôrça de sugestão contribue para que a «apagada e vil tris- teza», em nosso apanágio, se vá diluindo a pouco e pouco. Nada é melhor, para o homem, que o espectáculo de ambientes diversos daquele em que vive: ganha assim mais liberdade de opinião, maior capacidade para apreciar os contrastes, e, portanto, tende a perder aquela horrível intolerância dos que nunca viram as coisas senão duma só maneira.

Direi ainda que a contemplação de filmes estrangeiros não deixa de modo indi- ferente o público português, e que é absolutamente destituído de base este diploma de estupidez que acaba de lhe conferir a «Imagem». O facto de não compreender a língua não basta para justificar semelhante afirmação, pois que o cinema não é a rádio, isto é, contemplar e ouvir um filme não é o mesmo que ouvir uma conferência ou uma peça de teatro transmitidos pela rádio. No cinema falado, o que se diz, não é senão um acessório do que é expresso pelo ambiente, pela expressão, pelos gestos, e mais ainda, pela montagem e pelo ritmo do filme; neste conjunto, a função da voz não é, contudo, unicamente o de dizer mecânicamente: se o público não compreende as palavras, compreende o tom em que são ditas, aprende pelas inflexões das vozes um pouco do sentido; e isto já é alguma coisa. Tudo disto o devia saber a «Ima- gem», pois que há tanto tempo se dedica a estes assuntos.

Afirma-se na «Imagem»: «Cada país, cada povo, tem as suas características e exigências. Importa dar-lhe, portanto, o que ele necessita». Noto que, tanto esta afirmação, como outra que já citei, poderiam ser facilmente aceites se não nos fôssem propostas com tamanha unilateralidade, como se fôssem a única verdade possível.

Está claro que todos nós quereríamos um cinema português! Quere isso dizer que queiramos SÓ cinema português?!

---

---

Mas abandonemos êste capítulo, para abordar a parte mais grave do artigo:

Trata-se dum caso em que a velha vaidade patriótica se manifesta com notável inconsciência. Defende-se ali a ideia (?) de que nada temos a aprender com estrangeiros, em matéria de realização artística.

Citarei por exemplo: «A orientação, a parte artística, essas é que é indispensável que sejam portuguesas. Só assim essa obra poderá corresponder aos seus intuitos, por isso mesmo que só dêse modo poderá ser integralmente compreendida por aqueles a quem ela se destina».

«Todos os que trabalham na «Imagem», somos, em princípio, contra os mestres estrangeiros.....»

Caramba! Isto é que é um país de águias! Pois que temos nós a aprender?!

Está-se mesmo a ver que nascemos todos ensinados. Parece-me até que o melhor é fazer um convite colectivo à população de Portugal, e pôr tudo a realizar filmes. Mestres? Aprender? Ora! Para se provar essa inata disposição para o cinema, basta lembrar certas «obras-primas», por exemplo o nunca assaz cantado «Ver e Amar», que, se não me engano, até foi realizado pelo director da «Imagem». Aí está um exemplo do que sucede aos que julgam nascer ensinados.

Mas agora, deixando a «blague», vejamos: ignorará porventura o autor do mal-fadado artigo, que alguns dos maiores realizadores de alguns dos melhores filmes americanos..... não são americanos? Citarei apenas uns poucos dos mais notáveis: Sjöstrom, Fejos, Stroheim, Chaplin, Mammoullian, Lubitch, Murnau, Sternberg, etc., etc..... A quem passou pela cabeça acusar qualquer filme dêstes realizadores de não-nacional?! Quem se lembrou de os dizer mais ou menos americanos?!

Ê que o cinema, a não ser para certos míopes, não pode ter as pretensões de especialidade nacional, assim a modos de passas do Algarve ou de alheiras de Bragança. Os homens não são completamente diferentes de país para país; e quando atinge autêntico valor artístico, um filme, podendo exprimir maneiras de ser nacionais, tem, como qualquer verdadeira obra de arte, interêsse para todos os homens. Ora parece que o ponto de vista da «Imagem» é que de modo algum, um estrangeiro poderá, trabalhando sôbre motivos portugueses, realizar um filme português. Pergunta-se: se o argumento fôr português, se tôda a colaboração artística fôr portuguesa, «mas» se o realizador não fôr, português, a «Imagem», «à priori» de qualquer conhecimento do filme, declara que êle não poderá ser português. Ora, meninos, vão prêgar a outra freguezia, que essa não pega! Prefere naturalmente a «Imagem» que se continue a fazer em Portugal mau cinema, só para não se confessar que não sabemos nada!

Pois a verdade, a verdade que não devemos ter vergonha de confessar, porque ninguem nasce ensinado, é que temos muito, que temos tudo a aprender! Venham quantos estrangeiros sejam precisos, sejam alemães ou franceses, americanos ou suíços, até que se tenha formado entre nós uma pleiade de realizadores à altura da função a que se destinam.

Mas, como já disse, bem sei eu como foi pouca a convicção do autor da prosa da «Imagem», ao dar à luz aquela apologia do produto-integralmente-nacional. Bem sei que aquilo é fogo de vistas, que não há ali sombra de autêntica vontade de defender o ponto de vista nacional (aliás, pseudo nacional).

Mas — irra! — não há direito de abusar assim de nós, humilde público, armando-se em dedicado defensor dos nossos interêsses. Pela parte que me toca, berro anti-patrioticamente (dirá a «Imagem»; eu direi que muito patrioticamente!): Vivam os mestres estrangeiros! Abaixo as vaidades de omniência de certos faz-tudo, que, se fôrmos a ver, são apenas capazes de não fazer nada!

E tenho dito.

---

adolfo casais monteiro

---

# H. DA COSTA

## DISSE:

---

Minhas senhoras e meus senhores.

Lamento que a televisão não seja ainda tão popular como a radiodifusão.

Há coisas para as quais faz falta vermos a cara de quem as diz. Em matéria de cinema—imagem mais do que tudo, a imagem é insubstituível. Eu queria que V. Ex.<sup>as</sup> pudessem ver na tranqüilidade, na boa vontade e—porque não?—na própria simpatia de quem fala, o reflexo duma atitude também de simpatia. Não sei se o microfone levará àqueles postos dispersos pelo norte do país tôda a radiante alegria com que lhes vem falar de cinema—de Cinêma Português—um homem que tem vivido e trabalhado no cinêma estrangeiro.

Conhecem V. Ex.<sup>as</sup> atravez os espectáculos de cinêma que freqüentam, uma firma distribuidora—H. DA COSTA. Firma portuguesa, firma castiça, de consonância absolutamente nacional, «Costa». No entanto, tudo quanto êste «Costa» tem dado a V. Ex.<sup>as</sup>, tem sido o talento, a Arte, a produção do mundo europeu do cinêma. Vivendo no estrangeiro há longos anos e entrando imprevistamente em Portugal neste momento, sem publicidade nem preparação, afim de acompanhar de perto a realização do meu primeiro filme português, julguei interessante comunicar com o grande público, para quem o meu nome era apenas uma «legenda» tipográfica aposta em filmes e em jornais: e tenho um grande prazer em comunicar com o público do Norte do meu país, em especial com o do Porto, porque sei, porque sabemos todos, que a cidade Invicta foi, é e será sempre, aberta às ideias modernas, às iniciativas rasgadas, aos empreendimentos que necessitam das qualidades primaciais da nossa raça—trabalho, coragem e iniciativa.

A êles ainda se juntam, no Porto, outras tantas, tão preciosas, como a visão clara das coisas que não deixa, por exemplo, que se confunda facilmente a agitação com a actividade e a simples esperteza com a inteligência; um espírito progressivo que permite, muitas vezes, que o Porto seja um precursor no nosso país em certos ramos da actividade humana, como o foi, por exemplo, na indústria do cinêma, e uma energia na perseverança, um fogo interior que, sendo difícil de fazer alastrar a quem o não pode sentir, isola, por vezes o Porto num grande facho de fé, dando lugar a que se forme, no Sul, a lenda do bairrismo portuense que é, afinal simples e magnífico patriotismo, do mais puro, do mais acrisolado.

Venho pois falar a um dos públicos mais compreensivos do meu país, sobre cinêma português, neste momento em que êle começa a tomar forma, e em que deve procurar, portanto, a sua via definitiva, sem cair nos erros do passado, sem repetir as ilusões de ontem.

O BLOCO H. DA COSTA, desde a firma portuguesíssima «Costa» à organização, aos capitais e à finalidade, é uma firma de cinêma estruturalmente Nacional.

Cinêma Nacional não é, para nós, Cinêma *bairrista* nem mesmo *regionalista*. Cinêma Nacional é a projecção das qualidades médias e dominantes dum povo num espectáculo de cinêma. Para se fazer Arte Nacional com a plena consciência da criação de um espectáculo de espírito nacionalista, dentro duma expressão de tão complicada técnica como é o cinema, é, evidentemente, precisa uma cultura internacional. Essa qualidade, subtil e impalpável, é o *estilo*—que distingue uma obra russa duma obra alemã ou inglêsa, independentemente da expressão técnica e do meio material comum a tôdas.

Cinêma Nacional não é o cinêma em família. Um grande espectáculo de Arte Portuguesa, tem o direito de chamar a atenção da Arte mundial.

Mas se quisermos fazer do cinêma alguma coisa de mais consistente que um juvenil entretenimento com *maillots* e lindas pernas de raparigas, teremos de estudar-lhe espectáculos industrialmente defensáveis, internacionalmente colocáveis e artisticamente interessantes.

Filmes, emfim, donde se conclua que Cinêma Nacional não é a brincadeira doméstica que pode entreter o *bairro*, a cidade, ou quando muito a provincia, mas sim a obra que transpõe fronteiras, que atrai público e critica, que faz discutir costumes e paisagens, que percorre os *écrans* do Mundo, levando, em meia dúzia de latas, o que interessa dum país como expressão râmica como interesse étnico e folclórico, como pintura humana.

Cinêma Nacional é, repito, uma obra de cultura internacional. E sendo uma obra de cultura nternacional, é uma obra de consciência, uma obra de análise superior, orientada em perspectivas mundiais.

Expliquemos:

O panorama das paisagens e dos costumes portugueses, apresenta a quem o quizer transplantar para o cinêma variadíssimos aspectos.

O critério de escolha; a noção do que interessa e do que não interessa lá fora; a atitude,

---

crítica internacional; as coisas que a nós nos parecem bem e que lá fora não resultam; o regionalismo que nós sentimos e que o estrangeiro não compreende; as coisas pitorescas que nós estamos cansados de ver e que são novas para uma plateia estrangeira—só podem ser compreendidos por quem conheça e sinta as reacções daqueles meios, que darão definitivamente ao cinema que se fizer em Portugal, a categoria de um Cinema Nacional.

Porque não seremos nós quem dirá que um determinado filme é *nacional* mas sim o estrangeiro, que há-de distingui-lo de toda a produção mundial, achando o que ele tiver de característico, de inconfundível, pondo em evidência o conjunto de defeitos e qualidades que o identificam como *filme português*.

Há quem imagine, entre nós, que para fazer cinema português basta possuir uma *Debrie* e uns aparelhos sonoros, reunir meia dúzia de artistas de revista, gisar, apressadamente, um argumento à maneira *démodée* de Gervasio Lobato, ligado, por estafados cordelinhos teatrais e recheiado de grossa chalaça local, fotografar e fonografar tudo isso sem grandes cuidados nem preocupações artísticas e servir o prato quente ao público da nossa terra, com grande preparação de publicidade espectacular e apêlo ao patriotismo das gentes, pela etiqueta passa-culpas de cinema feito por *portugueses*. É esse, ao que parece, o cinema que se pretende impor como nacional—o único, o indefectível, o *ou crês ou morres*. Ora não é essa, em nosso modo de ver,—e queremos supor que no de toda a gente que se dá ao trabalho de discorrer—a fórmula a adotar. Isso pode ser, quando muito, a receita de um negócio rasteiro, oportunista, bilheteiresco e fácil. Mas não é, não pode ser, uma expressão de arte de um povo como o nosso, que também tem bom gosto, que também tem uma sensibilidade afinada, que também tem cultura e que também sabe que a missão do cinema é, sobretudo, uma missão edificante, educadora, dentro do seu carácter de diversão.

O cinema português não pode resignar-se a ter o estilo comesinho do *trazer-por-casa*, sem cerimónia e sem *allure*, e o género carnavalesco em que se pretende enfeudá-lo, é, manifestamente, inferior, dissolvente, indigno de nós e inapresentável lá fora.

É que não se inspira em Gil Vicente quem quer, e «Sob os telhados de Paris» só foi possível a um René Clair, na plena maturação do seu enorme talento, apoiado no prestígio mundial e secular do renome de Paris.

E agora falemos de «Gado Bravo».

O filme «Gado Bravo» — é PORTUGUÊS!

Afirmo-o com orgulho, com entusiasmo e com convicção. Tam português como os mais portugueses. Não encontro, sinceramente, no ról tam magro da produção nacional, senão algumas cenas de «Maria do Mar» que se lhe possam comparar em expressão rática e em compreensão da índole e do carácter do nosso povo.

O realizador de «Gado Bravo» é António Lopes Ribeiro, que é unânimemente considerado como um valor indiscutível, já pela sua vasta obra crítica, já pelo seu talento de adaptador, já pela vivacidade do seu espírito de jornalista superior. A propósito de António Lopes Ribeiro, dizia-me *Einsenstein* numa noite de Montparnasse em que falávamos de Portugal, que nunca tinha encontrado, como nêsse moço artista, um tam apurado talento de cineasta, no que isso significa de gosto, de cultura, de espírito inventivo e crítico e, sobretudo, de poder creador.

Luís de Freitas Branco, músico e mestre de músicos, a mais vasta e moderna cultura musical do nosso meio, dirige e orienta a partitura portuguesa de «Gado Bravo» onde perpassam lindas melodias da nossa linda terra de cantigas, a que não fica tam mal como se diz a maneira dolente e dolorida do *fado*.

António Botto, um dos maiores poetas da sua geração, consagrado pela imprensa de toda a parte, pôs toda a sua sensibilidade nos versos que vão ouvir em «Gado Bravo» e que são bem dignos dum povo de poetas.

Na interpretação encontramos:

Raúl de Carvalho, primeiro actor do primeiro Teatro português, tendo feito *por si*, sem favores da crítica e sem favores do público, um nome brilhante em plena mocidade. Incarna no «Gado Bravo» o tipo ideal do *galã* rústico. A sua figura e o seu talento dão-lhe, de um golpe, a categoria de um Charles Boyer português.

Nita Brandão, a dos olhos suaves, filha do Pôrto — o que vos interessa, não é verdade? — fina e fresca como um suave regato de Portugal, figurinha de recato e graça simples, empresta ao filme todo o seu encanto, toda a fragrância expressiva da sua mocidade.

Artur Duarte, actor português, saído do Conservatório de Lisboa com primeiro prémio, estagiário da UFA, tendo filmado durante dez anos nas principais cidades da Europa.

Junte-se-lhes esse par que «A Severa» revelou: Mariana Alves e Paradela de Oliveira; Álvaro Pereira, tam grande actor, cómico tam querido das plateias populares. E mais nomes ainda, nos quadros técnicos e artísticos: Júlio Vicente Ribeiro, José Nunes das Neves, Luís Nunes, António Vilar, outros ainda — todos, todos, portugueses...

Projete-se tudo sobre o quadro do Ribatejo, provincia retintamente portuguesa e ter-se-á a visão segura de que o espectáculo realizado por estes nomes, não pode deixar de trazer a marca indelevel da raça que eles tam bem representam. Depois... eu, H. da Costa, também sou português...

Adicionemos agora a este núcleo de artistas, de técnicos, de músicos, de poetas, todos com provas dadas e com qualidades reveladas, um nome mundial, sem adjectivos inuteis e que vale por um cartaz: SIGFRIED ARNO o maior cómico da Alemanha, o homem que a própria França admite

na fila de Milton e Chevalier, o protagonista de dezenas de filmes que os *écrans* de todo o Mundo disputaram, o parceiro favorito de «Anny Ondra», um Marx que não precisou de irmãos para descobrir o verdadeiro cómico cinematográfico. Que fizemos nós de Siegfried Arno? Transportámo-lo para este grupo de artistas; fizemo-lo viver num meio português e apresentámo-lo ao público, com as primícias do contacto dum dos maiores génios actuais do cinema com a terra portuguesa. Não desnacionalisamos, por isso, «Gado Bravo»; naturalisamos, provisoriamente, Siegfried Arno!...

Olly Gebauer, uma vedeta da UFA, que Portugal não conhece, pela simples razão de só ter filmado em versões alemãs de filmes de que nós apresentamos em Portugal as versões francesas, interpreta no filme o papel daquilo que é na vida: uma estrangeira. A estrangeira — uma artista de variedades que, em vão, procura arrancar ao sólo português o coração dum homem que nêle nasceu e dêle vive. Esse conflito tam nosso, tam próprio da nossa curiosidade sentimental e amorosa, é o tema principal de «Gado Bravo». Temos a certeza de que o público português o sentirá vibrar no seu coração, e o público de todo o Mundo encontrará nêle as condições que servem de base às grandes obras do cinema, pelo seu admirável doseamento de fantasia e de verdade, de convencionalismo e de humanidade, elementos essenciais na moderna alquimia do animatógrafo.

Somos dos que entendemos, sem pretender complicar ou tornar transcendente a missão do espectáculo cinematográfico, que o cinema tem uma missão de Arte que devemos elevar pouco a pouco.

Ao cinema *pateta-alegre* que resume e reduz o interesse e a finalidade ao *sex-appeal* mal traduzido do cinema americano, de conflito pueril, opomos a concepção do espectáculo à europeia, doseado e construído espiritualmente sóbre conflitos de ideias e caracteres.

Não temos a pretensão de filiar ridiculamente «Gado Bravo» em Camões ou em qualquer outro clássico nacional ou estrangeiro; preferimos pôr em equação um conflito simples, lógico, possível na sociedade portuguesa de hoje. Pintar um ambiente com o interesse e o pitoresco que êle tem. E desprezenciosamente, sem armarmos em mentores do cinema nacional, apresentarmos ao nosso público um filme sentidamente nosso, mas igual, pela técnica, pela construção, pela ausência de defeitos de forma que hoje são menos toleráveis do que nunca, aos melhores que se fazem lá fora. Para isso, a esse grupo de portugueses chamados por nós a crear uma obra de espectáculo português, quizemos dar o apoio de uma pleiade de técnicos, de reconhecida competência. E chamamos a Portugal:

Max Nosseck, o super-visor, que é hoje considerado a melhor esperança da vanguarda alemã; Heinrich Gärtner, o Rei dos Exteriores, como lhe chamam em Berlim, chefe de fila dos modernos operadores alemães; Herbert Lippschitz, o arquitecto mais novo da UFA, o que não impede que seja o mais talentoso. E Hans May o músico que tem 30 grandes êxitos no seu activo de compositor fonocinematográfico e que é o director da sonorização de «Gado Bravo» e o autor de três músicas que vão andar na boca do povo e nos ouvidos de toda a gente.

São estes os estrangeiros, os MESTRES estrangeiros, que deram coordenação técnica aos realizadores portugueses que enumeramos, dando ALTURA internacional a um filme que é português de lei nas outras dimensões.

É que o auto-didatismo, em cinema, sai muito caro. E o tempo, nessa arte-indústria, mais do que em nenhuma outra, não pode desperdiçar-se em tentativas supérfluas, em descobrir o que já está descoberto há muito, em caprichos que não se compadecem com o lado prático das coisas.

O BLOCO H. DA COSTA, isoladamente, sem implorar monopólios nem recorrer a *quêtes* nacionais, não se limitou a architectar planos grandiosos num papel: pô-los em prática, logo, sem tir-te nem guar-te, sem publicidades prematuras e sem *bluff* de qualquer espécie.

Em oito dias reuniu os seus técnicos, os seus artistas. Concentrou-os, insuflou-lhes, a todos, o espírito profundamente nacionalista da obra que pretendia erguer. Em quinze dias preparou o seu filme, o seu filme português, falado em língua portuguesa. Num mês, pôs câmaras peritas a rodar no Ribatejo em frente dos campinos e dos toiros das lezírias de Portugal.

E enquanto as câmaras rodam, não se cançando de impressionar película pancromática, o BLOCO esboça, põe em marcha a obra de folego que se propõe realizar no nosso país: A construção de um estúdio nacional, para o qual já chegou a aparelhagem sonora. estúdio que não tem a pretensão de ser o melhor da Europa, nem mesmo da península, mas donde o BLOCO tem a pretensão de ver sair as melhores fitas nacionais. Porque a nossa finalidade não é fazer estúdios duma grandiosidade inútil — é fazer cinema duma qualidade superior.

Para isso, Portugal presta-se, agora, mais do que qualquer país.

Neste momento em que o espectador mundial, *blasé* de todos os assuntos que a objectiva lhe rebuscou pela terra fora, do polo Norte ao polo Sul e da Europa à Oceania, pede ao écran alguma coisa de ainda não-visto, Portugal conserva inéditos e frescos para esses olhos curiosos e interessadíssimos, todas as suas paisagens, todos os seus costumes, todo o seu folclóre, todo o seu pitoresco, enfim, tam rico, tam brilhante e tam variado, que se encontra do branco Algarve ao verde Minho.

Podemos, portanto, sob esses auspícios favoráveis e subordinando a nossa iniciativa às leis comuns que regem, comercial e industrialmente, as empresas que desejam existir e prosperar, estabelecer de vez a indústria do cinema em Portugal — mas com as características mundiais, sem as quais, decididamente, ela não pode manter-se.

Podemos fazer, em Portugal, a obra meritória e realmente patriótica que outrora levou a cabo

a Dinamarca, nos tempos em que a marca Nordisk, simbolicamente figurada por um urso branco dominando a esfera armilar, percorria o mundo de lez a lez, levando as imagens da terra nórdica a a tôdas as latitudes e a arte dum pequeno-grande povo às plateias de todo o orbe terrestre. Basta-nos, para tal, criar um movimento cinematográfico entre nós; galvanizar as forças latentes que se encontram dispersas, mobilizar os elementos que, como em tôda a parte, existem no nosso meio e que, congregados, podem dar um volume e uma força irresistíveis a tôda a obra bem orientada.

O BLOCO H. DA COSTA vai, portanto, iniciar êsse movimento salutar, instituindo, por forma racional e definitiva, o cinema português com classe e envergadura internacionais. Nos seus estúdios, convenientemente apetrechados se irão formando os futuros cineastas, principiando pelo princípio, pois não devemos esquecer que até o próprio Pabst começou por ser simples assistente do realizador de *Caligari*...

Ao mesmo tempo se farão escolas de artistas de cinema, para que a juventude portuguesa tenha, enfim, uma *chance* de abraçar a profissão com que sonham todos os rapazes e raparigas de 18 anos, sob todos os céus.

Porque é com êles, com o seu entusiasmo, com a sua ambição, com a sua frescura que o cinema nacional deve contar — e não com o recurso utilitário dos artistas de teatrinhos de revista.

Eis porque é indispensável fazer cinema a sério, se quisermos fazer do cinema uma séria, uma honesta ocupação.

São estas, a traços largos, as directivas do BLOCO H. DA COSTA, que pretende acabar de vez com o carácter aventureiro, quasi sempre sinónimo de ruinoso e sempre sinónimo de inconsciente, que tem sido o estigma das tentativas de indústria cinematográfica esboçadas até agora no nosso país, edificando qualquer coisa de duradoiro, de elevado, de digno da nossa personalidade e de uma raça empreendedora e inteligente.

E como o BLOCO H. DA COSTA foi inteiramente gizado num plano profissional, pensou antes de tudo em assegurar çolocação, em dar saída às suas produções.

Em França, em Espanha e em Portugal, os filmes do BLOCO beneficiarão da rede de distribuição H. DA COSTA, não se sujeitando portanto aos caprichos nem às ganâncias de comissionários. E no Brasil será montada em breve a sua casa de distribuição, imprescindível naquele importante território de língua portuguesa.

Quanto aos demais países, bastam as relações internacionais que a nossa casa de Paris tem sabido assegurar, para garantir a passagem nos *écrans* mundiais dos filmes portugueses que produzirmos em Portugal.

«Gado Bravo» é o primeiro desses filmes. Posso jurar-lhes que não será o último.

Não quero abusar mais da vossa paciência de auditores já posta à prova durante meia hora de palestra desprezenciosa e sincera.

Para V. Ex.<sup>as</sup>, minhas Senhoras e meus Senhores, vai tôda a minha gratidão. Mas não quero terminar sem consentir que o meu entusiasmo, vivificado pelo contacto, durante tanto tempo interrompido com a terra em que nasci, repita a V. Ex.<sup>as</sup> que H. DA COSTA tem a consciência de ter sabido cumprir com o seu dever de amigo do cinema, e com o seu dever de português.



N. da R. Em lugar de dar aos nossos leitores, numa entrevista, a ideia mais ou menos vaga daquilo que nos disse H. da Costa, preferimos publicar a sua conferência onde o ilustre cineasta trata, largamente, os pontos sobre que versaram, quasi sempre as nossas conversas com êle.

H. DA COSTA  
F A L A . . . . .



# DISCÓRDIA

O Fernando Barros acha que é parvo gostar de Henry Garat. A Marianela discorda. Discutiram. E no fim, cada um ficou na sua.

Meu caro Fernando Barros:

«Uma rapariga falar de cinema é quasi sempre uma coisa aflitiva».

Recorto, do n.º 5 do nosso *Movimento*, esta frase capital e, em troca, dou-lhe esta verdade não menos verdadeira: um homem a falar de mulheres e de homens é quasi sempre uma coisa aflitiva.

Você, sempre tão amável com as suas amigas, sempre com uma frase, pronta, que é um galanteio, sempre a contemplar-nos com os seus olhos que são um Alcácer-Kibir sem derrota, você foi injusto e mau para com as raparigas que vão ao cinema ver o Henry Garat e voltam para casa com um estremecimento no corpo e um sonho gentil na alma. Você não admite que uma menina goste desse actor.

O Fernando não sabe—não!—tudo quanto pode prender e enfeitiçar uma mulher! E o Garat tem coisas agradáveis: veste-se bem, tem uma voz deliciosa para dizer certas ousadias, deve ser fisicamente perfeito e... qualquer destas belezas, saiba, meu Amigo, é bastante para dar volta a uma cabecinha feminina.

E diga-me, Fernando! Será justo nós não podermos gostar daquilo que Vocês, os homens, tanto admiram? Eu ia jurar que Você gosta duma *estrêla* só porque ela veste elegantemente, doutra só porque ela tem uma voz própria para blandiciosas frases, doutra por certos detalhes donairosos de seu corpo.

E olhe, Fernando! Abra o n.º 5 do MOVIMENTO, na página do seu insultuoso artigo. Tome duas fôlhas de papel. Cubra, com elas, o rosto destestado, deixando, apenas, à vista os olhos do Garat. E diga-me, depois de consultar o espelho! Não são os seus olhos, Fernando? Não é bem sua, aquela dulcíssima e maliciosa expressão?

E Você não admite que uma raparigui-nha goste de si, pelos seus olhos e pela expressão deles? Se me diz que não, zango-me consigo. Não sei perdoar a modéstia fingida.

Sua amiga,

Minha querida Marianela:

Estou desolado, creia!

Então você, minha querida Amiga, que é uma rapariga privilegiadamente inteligente, culta, que pusui um raro temperamento de artista, vem-me dizer—e públicamente, Santo Deus!—exactamente a mesma coisa que me diria uma daquelas meninas idiotas e inúteis, de quem nós os dois, tantas e tantas vezes, temos saborosamente troçado?

Ó Marianela! Se o nosso conhecimento e a nossa intimidade não datassem já de há alguns anos, eu iria fazer uma falsa ideia a seu respeito!

Creia, minha Amiga, estou desoladíssimo!

Quando eu cheguei à redacção e o Armando Vieira Pinto me disse que você tinha mandado, da praia onde se encontra, um protesto contra o meu artigo, acredite que eu tive um certo receio.

Temí que a sua inteligência tão subtilmente feminina me colocasse numa posição difícil.

Mas quando li êsse protesto, fiquei absolutamente socegado e não pude deixar de sorrir.

É que você talvez não tenha reparado que veio defender precisamente aquilo que eu mais ridicularizava no meu artigo: o facto de haver raparigas que se apaixonam por galãs de cinema.

Você foi tão infeliz, Marianela, que eu nem sequer lhe respondo.

Apênas lhe quero dizer, ou melhor, lembrar, que a única artista por quem tive uma certa inclinação não era atriz de cinema, mas sim poetisa; não era estrangeira, mas antes portuguesa.

E quanto à história dos olhos de Garat e das duas fôlhas de papel... você, minha adorável Amiga, sabe muito bem que eu não sou parvo, embora às vezes o pareça...

Beija-lhe as mãos, o seu

marianela de castro

fernando barros

# AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA CARAVANA BELGA SÔBRE PORTUGAL

*O jornalista e actor Stephane Börg, que faz parte da Caravana Belga que se encontra filmando no nosso país, conta ao MOVIMENTO as suas impressões sobre Portugal e os projectos que a Caravana pretende levar a cabo.*

Percorremos num vôo as estradas de França e da Espanha, ansiosos por chegar o mais depressa possível a esta terra portuguesa cujas belezas tanto nos tinham louvado. Em Bruxelas, a partida efectuou-se no célebre Grand Place e as flores destinadas à nossa vedeta M.<sup>e</sup> Vera de Kyrpotine cobriam, festivamente, o longo capot do nosso Minerva; S. Sebastian, Burgos, Salamanca. Castela, oferece-nos o esplendor dos seus campos desertos e o seu pôr-do-sol fulgurantes..... Dirigimo-nos a Portugal, que nos promete outras surpresas.

As formalidades alfandegárias nunca são agradáveis e parecem feitas sobretudo para cobrir de mau-humor as primeiras horas passadas em terra estrangeira. Mas em breve a beleza dum país generoso e o acolhimento dum povo hospitaleiro, fazem-nos esquecer êsses primeiros contactos inevitáveis. Seguimos caminho: Almeida, Pinhel, Vizeu e Coimbra, onde a «Caravana», chegando toda embandeirada, dessa Belgica que deixamos lá muito para traz, é recebida com curiosidade por róstos completamente novos para nós: povo vivo, simpático e no qual não tardamos em descobrir gôstos comuns aos da gente da nossa terra: Bacchus e Gargantua parece que teem aqui as honras, porque a riqueza do solo dá vinho generoso e manjares suculentos; e eu revejo em pensamento as telas dos nossos mestres flamengos, Bremghel, Jordaens e a sua filosofia jovial.

Os primeiros fados surpreendem-nos pela sua tristeza, mas o seu grande carácter musical emociona-nos.

Nos Estados Unidos julgam, vulgarmente, que todos os franceses usam barba, e mesmo não poucos europeus imaginam ainda os americanos com óculos de tartaruga, mordendo um grande charuto..... Dos portugueses nós fazemos outra ideia: uma expressão popular diz: «Gai comme un Portugais». À primeira vista é verdade. Mas há por traz desta bôca que ri, um olhar melancólico que parece esconder uma alma romântica e triste.

Afinal, é o cinema que nos traz a Portugal e eu ainda não disse sobre isso uma só palavra.

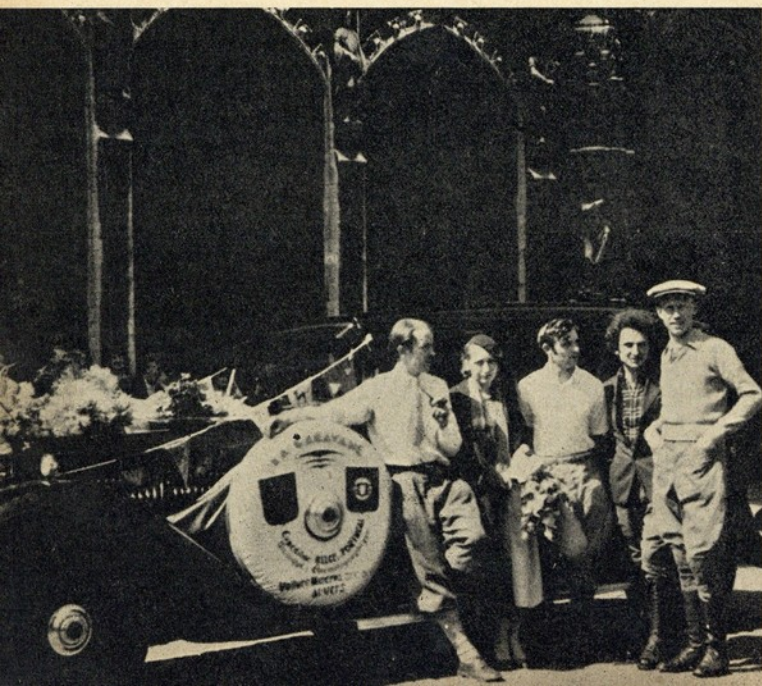
Porque não há-de êste país ser um dia a base duma grande indústria europeia de cinema, tal como a Califórnia? Tudo se presta para isso: clima, luz, variedade inextotável de paisagens, possibilidades de construir grandes estúdios. Oxalá que o

movimento que actualmente se desenha em Portugal, seja a segunda étape para a realização dum grande futuro cinematográfico.

A tarefa em que nos empenhamos é imensa e a sua realização completa é superior às nossas fôrças: nós não temos a pretensão de tornar conhecidas, no Norte, tôdas as particularidades da terra portuguesa. Mas empenhar-nos-emos de todo o coração e com todos os nossos esforços, em fazer um filme digno dêste país que nos acolhe com tão grande hospitalidade. Tenho mesmo o prazer de comunicar desde já que contamos com a colaboração do mestre Francisco Lacerda, que é considerado, nos nossos países, como um dos melhores músicos da actualidade, quer como compositor, quer como regente de orquestra. Êle ajudar-nos-à a penetrar o espirito da raça e evitar os perigos duma falsa interpretação do carácter nacional, porque como somos estrangeiros arriscamo-nos a cair em erros funestos.

s t e p h a n e b ö r g

A «CARAVANA» AO PARTIR DE BRUXELLAS



# A CARAVANA DOS BELGAS

---

Eu faço as apresentações.

Vera de Kyrpotine a actriz russa que vai interpretar o papel feminino do filme «A Pagã», cuja acção decorre inteiramente em Portugal; Stéphane Börg jornalista e «partenaire» de Vera neste filme; o realisador Carlo Queeckers; Charles Smets e Marcel Hastir dois pintores que executaram mais de cem quadros sobre os Açores e Madeira.

Constituem uma expedição artística e cinematográfica a que deram o nome de «La Caravane». Receberam-me em Caxias, num alto donde se divisa o Tejo, a Costa do Sol, a Torre do Bugio e o Oceano. Instalaram-se ali com a barraca de campanha e o magnifico «Minerva» de 8 cilindros.

Sentamo-nos os seis em colchões de borracha cheios de ar que tanto podem servir de boias como de camas e que naquela altura fizeram o papel de «divans».

Cada um teve então a sua frase protocolar, mas dum protocolo muito especial. «Portugal é um país dotado de condições naturais magnificas para se fazer cinema»; «é um país cheio de côr»;

«com uma luz que dá relevo às coisas»; «com um sol que incendeia o coração»; «com um sol que nos faz compreender melhor a realidade da vida». Escusado era dizer que a primeira frase foi dita pelo realisador, as duas seguintes pelos pintores, a quarta por Vera (as mulheres são sempre mulheres) e a última pelo jornalista pois elas vêm já por si assinadas na Ideia.

Depois contaram-me que tinham estado oito meses nas nossas ilhas adjacentes onde filmaram a «Sintese dos Açores», uma pelicula com 700 metros que nós ainda não vimos e que, segundo dezenas de críticas que li, é admiravelmente realizado. «Os curiosíssimos costumes, as paisagens grandiosas e os miraculosos fenómenos vulcanicos são nos apresentados em imagens magnificas» diz um crítico e eu creio que isto seja verdade pois Carlo Queeckers já conta na sua carreira, entre outros os sucessos de «Tongenllo» e da «Melodia Bruxelense».

Ainda nenhuma revista ou jornal publicou fotografias sobre a «Sintese dos Açores» e como entre a papelada que me





V E R A D E K Y R P O T I N E

Se não passam por onde moras, leitor, não tenho culpa; mas apesar disso, em paga do desgosto sofrido, vou dizer-te o argumento.

Calcula, uma mulher super-civilizada, que faz vôos transoceânicos e que em virtude dum desastre não longe da nossa costa, vem dar a uma praia que possui uma luz e uma paisagem que enebriam a aviadora nórdica. Encontra-a um rapaz musculoso, moreno, crestado do sol, sensual.....

A imaginação do leitor já visiona as cenas a pingar poesia e amor e eu ainda vou na descrição dos tipos. Não posso competir nesta corrida. Eu, como o Nicolau, desisto (mesmo sem me atormentar nenhuma cólica de rins).

Enfim é a história de duas psicologias diferentes, uma nórdica e uma latina, que se encontram frente a frente.

A nossa aviação vai colaborar.

A película constará quasi exclusivamente de exteriores e a sincronização é feita na Bélgica com a música popular que o maestro Francisco Lacerda vai coligir.

mostraram descobri uma, guardei-a logo para o «Movimento».

Nesta digressão às nossas ilhas foi também o engenheiro agrónomo Charles Van Hamme que está agora no Congo Belga. Vera de Kyrpotine não pertencia ainda à Caravana.

Vão fazer no nosso país um documentário dramatizado com 2.300 metros. As cenas com gente da beira não serão as mais abundantes, no entanto tudo que temos de belo vai ser focado pela objectiva de Queeckers. Vai correr Portugal para filmar tipos, feiras, romarias, procissões, costumes, trabalhos agrícolas característicos.....

Como calculo que todos os cinéfilos querem saber se a caravana passa pela sua terra, pedi o itinerário, que transcrevo: Caminha (R. Minho), Viana do Castelo (Rio Lima até Ponte da Barca), Braga e arredores, Guimarães, Pôrto e arredores (R. Douro), Espinho, Vizeu (Val do Vouga), Aveiro e arredores, Leiria, Batalha, Fátima, Alcobaça, Nazaré, Lisboa, Estoril, Cintra, Caparica, Setubal, (Arrábida), Evora e arredores, Beja e Lagos (Praia da Rocha, Sagres, etc.)



S T E P H A N E B Ö R G



CARLO QUEECKERS

---

Carlo Queeckers gosta imenso do cinema de exteriores. Tem visto películas russas formidáveis, filmadas desta forma. Os filmes russos entram quasi todos na Bélgica e os poucos que a censura proíbe correm em salas especiais como a do «Carrefour», a do «Studio du Palais des Beaux-Arts» e a do «Club de l'Écran».

Falei de cinema português que começa agora com uma produção continua, ao que Queeckers me responde dizendo que na Bélgica, apesar do público ser extremamente cinéfilo, não existe mais que uma produção isolada e de tal forma escassa que não possuem ainda qualquer lei sobre contingente. Mostrou empenho em assistir à exibição de «A Severa» Quando estava para terminar a minha conversa pareceu-me ver em torno do realizador belga imensas raparigas na atitude de quem queria perguntar alguma coisa. Compreendi o que era e sai-me com esta: «Acha as raparigas portuguesas fotogénicas?».

Resposta: «Sem dúvida, têm principalmente uma máscara interessante».

Ah! leitoras, vocês às vezes fazem-nos cair em cada lugar-comum.....

---

telmo felgueiras

---



A CARAVANA E O SEU ACAMPAMENTO

# "KING-KONG"

---

Estas fotos são do filme R K O — «King Kong» que o São João levará na próxima época de inverno e que, a calcular pelo que tem sucedido no estrangeiro deve ser o maior sucesso comercial dos últimos tempos.

Em Londres exhibe-se este filme há cinco meses, num cinema que comporta 3.000 espectadores e dá 5 sessões por dia.

Durante o primeiro mês, «King-Kong» foi projectado 352 vezes, calculando-se que, desde a sua exibição, foi visto por

um número de pessoas excedendo em muito 500.000.

Para filmes sonoros, este constitui o record, em Inglaterra.

Este filme é feito sobre uma ideia de Merian C. Cooper, desenvolvida pelo escritor inglês Edgar Wallace, tendo sido a filmagem dirigida por Ernesto B. Schoedesak.

O seu principal realizador foi Willis O'Brien.

Entre vários monstros pré-históricos,





intervem no filme um gigantesco macaco de que damos por curiosidade algumas dimensões:

Altura . . .	16,50 metros
Boca . . .	2 >
Peito . . .	12 >
Pernas . . .	5 >
Passada . . .	25 >

Por aqui se calculam os outros e se pode ajuizar do que será preciso em técnica, para que este filme seja aquilo que as críticas estrangeiras dizem que é.



# POLYMAR

---

Eu, se fôsse a Vocês, em lugar de ler êste artigo, voltava-me para a página do lado e ficava-me olhando Polymar..... olhando-a longamente..... bocadinho a bocadinho..... sorrindo-lhe..... com vontade travessa de lhe fazer festinhas..... de lhe fazer garotices..... E quando já a tivesse olhado por muito tempo, quando já meus olhos estivessem cansados, fecharia a revista pouco a pouco e, cá dentro, deixaria recompôr-se êsse retrato de rapariga, linda, môça, viçosa..... e dava por bem empregados, palavra de honra, os quinze tostões que ele me havia custado.....

Mas o diabo é se a gravura sai mal e Vocês não estão dispostos a seguir o meu conselho de amigo e de homem de bom gôsto.....

Polymar é uma das raparigas mais interessantes que a Tobis teve a sorte de seleccionar. Filha dum advogado muito conhecido na capital e ocupando na sociedade um lugar de que é digna (Vocês fixem bem isto, porque ela diz que não gosta de confusões..... e Deus Nosso Senhor me livre de responsabilidades.....), Polymar conseguiu, com uma coragem que eu aprecio e que é pouco vulgar nas raparigas portuguesas, acalmar as reprimendas dum papá rabugento e enforçar, duma só vez, preconceitos bafientos e fóra de moda. Gostava de cinema e acalentava lá no seu íntimo, como a um grande ideal, êsse sonho de tôdas as raparigas de dezoito anos: fazer cinema. Sabia que era bonita. Vaidosa (ela diz que o não é e nós fingimos acreditar.....) com as confidências do espelho e os galanteios dos rapazes que lhe fazem a côrte, sentiu-se várias vezes tentada pela oportunidade que o concurso da Tobis lhe oferecia. A principio hesitou..... teve medo..... mas houve, felizmente, quem lhe desse coragem e um dia apresentou-se..... e foi aprovada. Deve, mesmo, desempenhar já um pequeno papel em «A Canção de Lisboa».

— «De resto..... perdoe-me a sinceridade», diz-nos ela sem disfarçar uma vaidadinha muito feminina «nunca julguei poder ficar desclassificada».

E era uma pena, na verdade, que o juri da Tobis não tivesse atentado nela. Não só porque é bonita, mas também pela sua educação, Polymar merecia ser escolhida. É uma entusiasta pela arte coreográfica, que pratica. Frequenta um curso superior. Toca piano. Guia automóvel. Faz da equitação um dos seus melhores passatempos. Rema. Nada. Encerra, enfim, tôdas as qualidades da verdadeira mulher moderna, que trocou as rendinhas pelo sport e a velha propensão das meninas burguesas para o «namoro de gargarejo», por um desempenho de maneiras e de acções condignas do século em que vivemos.

Do Cinêma, pensa diversos lugares-comuns bem intencionados e confessa, um pouco atrapalhada na escolha, que os filmes que mais a interessaram foram, num género: «Tragédia da Mina», noutro: «O Congresso que dança». No firmamento cinematográfico, Polymar fixa três estrêlas: Lilian Harvey, que adora «pelo seu ar ingênuo, infantil e, ao mesmo tempo, romântico»; Norma Shearer, que aprecia «pela sua distinção e pelo consciente desempenho dos seus papeis»; e Clark Gable, que considera «um bom actor e..... um homem muito interessante.....»

Esta consideração final trouxe um rumo novo à entrevista. Polymar abre muito os olhos ao preguntarmos-lhe o que pensa do homem, do casamento e da posição social da mulher portuguesa.

— «O homem é um ser tão complexo e confuso que ainda não consegui decifrá-lo». (Isto de nos armar em charadas é que nós não esperavamos!.....) — «Sôbre o casamento..... só depois de casada, e Você tem ainda muito que esperar, é que poderei responder..... mas parece-me que o casamento e a arte são duas coisas contraditórias em absoluto». — «Quanto à posição social da mulher, Você sabe o que é isto, em Portugal..... Convensões e preconceitos, preconceitos e convensões.....»

Polymar conhece o norte, cujos encantos enaltece, supomos que sem o desejo de nos lisongear: — «Que lindas paísaçens! Seriam um encantador pano de fundo para muitos bons filmes portugueses!.....»

---





---

Já ao terminar a palestra e para satisfação duma curiosidade particular, quis saber as razões que levaram Polymar a ocultar o seu verdadeiro nome sob tão curioso pseudônimo. Polymar tem um sorriso indefinido, calou-se por um bocadinho e, despedindo-se, desculpou-se:— «Tenha paciência. Não lhe posso explicar..... Você foi indiscreto.....»

P. S. Neste meio tempo o camarada *Amok* descobriu a explicação que Polymar oculta com tanto cuidado. O pseudônimo não passa, afinal, duma questão de simpatia. *Lababo inter innocentes manum meam...*

---

h e n r i q u e

---

# VALA COMUM

---

Tinhamos resolvido, para evitar que os nossos leitores cortassem as páginas da nossa revista, publicar as senhas com bonus para os cinemas numa página solta. Não pode ser assim pelos abusos a que dá lugar esta modalidade. Com desgosto vemos-nos obrigados a regressar à primeira forma.

\*

Os nossos ilustres e distintos camaradas Alves Costa, Fernando Barros e dr. Rodrigues de Freitas foram os primeiros a realizar a série de conferências que MOVIMENTO, de acordo com o conceituado posto emissor da Casa Forte, vem levando a efeito.

As cartas que temos recebido elogiando o valor educativo dessas conferências e a forma primorosa como os nossos redactores se desempenharam de essa missão, levam-nos a prosseguir, sem desfalecimento, no caminho encetado, agradecendo nós, desvanecidos, todas as provas de carinho e de aplauso até à data recebidas.

\*

Damos a seguir a relação ainda incompleta da série das nossas conferências, radiofundidas pelo conhecido e muito apreciado Posto Emissor da Casa Forte, realizadas e a realizar todas as segundas-feiras pelas 22 horas:

1.<sup>a</sup> — Cinéma Português, por Alves Costa; 2.<sup>a</sup> — A nova teoria da juventude, por Fernando Barros; 3.<sup>a</sup> — O Cinéma e a Poesia, pelo dr. Rodrigues de Freitas; 4.<sup>a</sup> — Mecanicismo, Cinéma e

regresso à natureza, pelo dr. Luís Guedes; 5.<sup>a</sup> — O significado do Cinéma, pelo dr. Adolfo Casais Monteiro.

As outras conferências promovidas pela nossa revista serão oportunamente anunciadas no próximo número de MOVIMENTO e pelo Posto Emissor da Casa Forte.

\*

No próximo número daremos aos nossos leitores: o resultado da 1.<sup>a</sup> Assembleia Geral e as últimas instruções para o caminho a seguir no concurso levado a efeito por MOVIMENTO no São João Cine.

\*

Também no próximo número, os nossos leitores irão apreciar devidamente um primoroso artigo que Leitão de Barros, anuindo ao nosso pedido, nos mandou como prometera.

\*

Agradecemos à A MONTANHA as amáveis notícias que assiduamente têm publicado a nosso respeito.

\*

Abandonou esta redacção o nosso camarada e amigo Alberto de Serpa. MOVIMENTO lamenta a perda irreparável que sofre, mas procurará indemnizar, na medida das suas forças, os seus leitores, os mais prejudicados, afinal....

---



Esta senhora, que faz o principal papel feminino de «King-Kong», está assim, com medo de um macaco. Naturalmente, a tratar-se de um homem, a atitude seria inversa. Agora pergunta-se: São os homens peores ou melhores que os macacos?

# POIS VAI DEIXAR-NOS, SILVIA?

---

— «Non ego loquar omnibus,  
sed tibi, et mihi et his».

*Petrarcha.*

Da América, entre várias notícias que fazem rir, chega-nos esta que quasi nos fazia chorar: Silvia Sidney vai deixar-nos para sempre.

A coisa passou-se assim: a meio da filmagem de «The Way to love» em que era a «leading-lady» de Maurice Chevalier, Silvia Sidney salta para um avião e parte para New-York sem dar satisfações. Ai, declara aos jornalistas que a procuram:

— «Estou doente. Os médicos do stúdio não concordaram em que me fôsse concedido o repouso que pedia. Resolvi fugir. Meia dúzia de palavras a pronunciar extenuavam-me. Nenhuma clausula de nenhum contracto pode, infelizmente, impôr a saúde a quem a não tem. Pois não é assim? Vim para New-York onde consultei vários especialistas. Vão operar-me da laringe e fazer, supponho eu, a extracção de uma glândula. Dizem-me que ficarei desfigurada para sempre.....

E, com o seu doce e humaníssimo sorriso:

— «A minha carreira cinematográfica terminou.....

Senhores doutores dos stúdios de Hollywood:

Entendem os senhores talvez — por cá também há disso — que ser médico é assim um meio de ganhar a subsistência como ser sapateiro, ou trôlha, ou tocador de pratos em filarmónica de aldeia.

Entendem com certeza que, sendo as companhias cinematográficas e não as estrêlas quem os sustenta e lhes paga — que palavra antipática, não é? — a saúde e, possivelmente, a vida das segundas é caso de pouca monta em comparação com os interesses das primeiras. Ora, senhores doutores, tenho o desgosto de lhes dizer que entendem muito mal.

Ser médico, não é, como os senhores cuidam, um meio de conquistar a subsistência, com mais ou menos esforço, mais ou menos vontade e mais ou menos sacrificio. É, sim, um meio de combater a Morte, com tôdas as forças, uma vontade de ferro e um sacrificio absoluto.

Eu não tenho, evidentemente, a pretensão infantil de que as minhas palavras sejam úteis.

Mas as mais belas atitudes são, exactamente, aquelas que não têm utilidade alguma, porque são exactamente as únicas que nenhum interesse pode ter movido.

E agora, senhores doutores de Hollywood ou mesmo de Portugal — e, como Petrarca eu não falo a todos, mas «àqueles»..... — pensem um pouco em como todos os seus actos mudariam se, perante um doente não vissem «um freguez» mas sim «um homem em face da morte».

Um colega dos senhores conheci eu que fez desta visão a regra-mãe de toda a sua vida; e de tal modo a cumpriu que por ela morreu, estupidamente, inglôriamente aos cincoenta anos, em plena fôrça, em pleno amadurecimento, no ponto mais alto da curva ascensional de seu caminho.

Hoje, seu nome é apenas a gratidão de uma provincia inteira; amanhã, seu nome será apenas a saudade fiel de três ou quatro: Mas hão-de passar os anos. Eu hei-de, pouco a pouco, aproximar-me do inevitável fim, e sua lembrança e a dolorosa saudade que me enche e nunca mais — a horrível frase! — nunca mais diminuirá, há-de continuar a ser a única religião da minha alma, do meu coração e da minha intelligência. Porque, senhores doutores, reparem nisto: se ser o Deus é uma ficção e ser Homem é uma realidade, quão infinitamente mais difficil não é saber ser Homem que ser feito Deus!

Silvia, perdôa!

Sabemos lá se o homem que não soube ser Homem e te negou o descanso que pedias tinha um filho pequenino e vendia a sua consciência para lhe assegurar a vida?

---

---

Sabemos lá se tinha — o infeliz! — mulher ou amante com muitas amigas a quem era preciso fazer inveja e vendia a sua consciência para lhe dar vestidos e chapéus e jóias?

Sabemos lá nada, nunca, neste mundo?!

Silvia, sê mulher até ao fim e perdôa.

Se o destino dos homens é ser maus, o destino das mulheres é ser boas.

Eu sei e tu também sabes, que aquele adolescente que vê nas mulheres apenas um veículo para o amor, nem repara em ti e sonha tôdas as noites com a Marlène, a Greta, ou a Norma. Isso não nos importa, porém.

Ele confunde, miseravelmente, as coisas altas do amor e as coisas baixas do sexo.

Eu sei e tu também sabes, que aquele velho de sessenta anos a caminhar irremediavelmente para a morte e a agarrar-se à última centelha de luz não repara em ti e suspira, repelentemente, pela Heptha Thiele, por exemplo. Mas isso não nos interessa. Êste precisa estimulantes, e confunde, miseravelmente, as coisas do amor com as coisas da tãra.

Há os outros, Silvia. Os outros que, como eu nem tem desóito anos nem sessenta, e são equilibrados. Milhares de milhares, por êsse mundo de Cristo. Milhares de milhões que sabem distinguir o que pertence ao amor e o que pertence ao sexo, e não conhecem ainda as coisas doentias da preversidade.

Êsses não te esquecerão nunca!

E se tivessem de escolher alguém de entre vós para os acompanhar, dia a dia no caminho árduo de vida; alguém que os encorajasse, tôdas as manhãs, para a luta ingrata; alguém que os recebesse, tôdas as tardes, com os braços cheios de flôres e um sorriso que fôsse uma alvorada; alguém, que os exaltasse na alegria, os consolasse na tristeza, lhes conhecesse e amparasse o riso e o soluço, êsses — tem a certeza, doce rapariga! — êsses não hesitariam um segundo em pôr em tuas mãos seu coração, certos de que nenhum carinho maior que o teu poderiam encontrar no mundo.

E a própria anciedade humilde de sua alma esperando tua sentença, diriam do valor enorme que te dão e que possues.

Ora, isto vale mais do que a glória!



---

armando vieira pinto

---

# ESTAÇÃO DE SERVIÇO

## SALA DE ESPERA

Hoje, meus caros, tenho bastantes cartas para responder e não tenho assunto para conversar, aqui na «sala de espera». Mas antes de me atirar a este monte de cartas que espera impacientemente por mim, quero transmitir-vos um boato que corre com certa insistência. Vocês já sabem que H. da Costa pensou em localizar no Pôrto toda a produção do Bloco e aqui levantar um pequeno estúdio? Não sabemos ainda nada de positivo sobre isto, mas podemos garantir que H. da Costa alimenta com certa vontade o projecto de fazer do Pôrto o centro da sua actividade como produtor cinematográfico.

Que vos parece, essa ideia?

## EXPEDIENTE

**UMA FEIA** — Não acredito!... É muito inteligente a maneira como diz apreciar o cinema e eu só lamento que nem todas as raparigas sejam como Você. Registamos o seu voto pela Brigitte Helm e agradecemos a sua simpatia pela nossa revista. Escreva mais vezes, sim?

**CINÉFILO CONQUISTADOR** — Desta vez os cinéfilos vêm aos magotes!... Já mais pessoas se teem queixado d'esse facto pouco correcto que o meu amigo conta. E justo o seu desagrado.

**ACÍLIO** — Não, meu caro, o outro nome que aqui apareceu não te dizia respeito.

Agora sim, já mereces que te chame rapaz moderno e inteligente. Assinas o «Movimento», lês a nossa prosa, simpatizas e aplaudes a nossa revista. E não tens aí um aparelhinho de T. S. F.? Estás perdendo as nossas, espampanantes conferências!... Mas não faz mal. Comprará os nossos cadernos de elucidação cinematográfica... E ainda é mais proveitoso... Até breve, escreve sempre.

**MOVIMLEITOR** — Como assinante do *Movimento* tem sempre vantagens sobre aqueles que compram a revista número a número. Isso nem se discute. Fica registado o seu voto.

**NOEMIA** — Já estava estranhando a falta de suas notícias... Seja bem aparecida! E que zangada que ela vem! Mas o que vale é que se Você ralha connosco é porque simpatiza com a nossa revista. Agora permita que lhe diga uma coisa, Noémia. Você quando se queixa que nós somos bairristas, não tem razão. Você é que é bairrista, é que torce esse narizinho quando vê colocar a palavra Pôrto antes da palavra Lisboa, é que nos chama nomes feios por não darmos uma importância muito grande a certas coisas que só tem limitada importância... para quem vê no cinema mais do que um bom negociozinho... Você queixa-se também que publicamos poucas fotografias da «Canção de Lisboa». Mas a culpa é da Tobis, que não manda material em condições. Quando a Tobis se resolver a mandar-nos fotografias em primeira mão, publica-las-emos com imenso gosto, creia.

As páginas de elegâncias, como Você já deve ter notado, foram-se embora. Está contente? Li a cada um dos meus camaradas os bocadinhos da sua carta que lhes diziam respeito. Todos agradecem as suas palavras elogiosas. E verdade: Você leu o artigo do

Armando intitulado «Milagre»? Aquilo é consigo.

Até breve, Noémia. Obrigado pela sua carta, e não esteja com cerimónias, ralhe com a gente quando lhe parecer que merecemos um puxão de orelhas.

**THEMÍSTOCLES** — Sim senhor, lembre-me perfeitamente de Você. O seu furo policial anda muito avariado. Todas essas informações que julga ter a nosso respeito, estão mais ou menos erradas. Ficou registado o seu voto. Obrigado. Só publicamos colaboração solicitada. Tenha paciência. De mais a mais o Alves Costa já tinha tratado o assunto a que Você se referia...

Quando quiser apareça, terei muito gosto nisso.

**ELVIRA DINIZ MIRANDA** — Vejo as coisas mal paradas. A Norma deve perder. Mas não se zangue nem fique triste. Pedirei para a sua artista preferida um artigo cheio de coisas bonitas e exigirei que o Armando publique uma das mais sugestivas das fotografias de Norma Shearer que aqui temos.

**C. D. HENRIQUES** — Sim senhor, aceitamos e agradecemos o seu voto. O administrador tem até uma particular simpatia pelos «pais de cinéfilas»... E é fácil de compreender porquê. As filhas é que leem o «Movimento», mas os pais é que pagam o recibo das assinaturas...

**J. CELESTINO** — Os «cadernos de elucidação cinematográfica» da Editorial Movimento, devem sair mensalmente, incluindo as conferências que se forem realizando e vender-se-hão por um preço extremamente módico. Sobre este assunto, todavia, deve dirigir-se à Administração, que o informará particularmente. Registamos o seu voto. Obrigado.

**A. A. MACEDO** — Creio que a Beatriz Costa costuma mandar fotografias aos seus admiradores, sempre que lhas solicitem.

Rosa Maria já não trabalha para o cinema. Você confundiu com Ana Maria, uma das interpretas de «A Canção de Lisboa».

**AUGUSTO FERRAZ** — Verá satisfeito o seu desejo. Você devia ter mandado a sua direcção para lhe ser remetida qualquer carta que venha para si.

**CORRESPONDENTE DE PAREDES** — Não conseguí decifrar a sua complicada assinatura. Estamos-lhe imensamente gratos pelas suas palavras de simpatia e amizade.

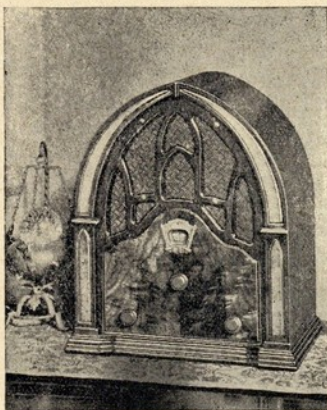
Sobre o assunto que trata no final da sua carta, devo dizer-lhe que, até ao momento em que estou escrevendo, nada nos foi comunicado pelo sr. Alberto Coelho de Brito. Volte a escrever-nos aclarando o caso ou fale de novo com o seu amigo para que ele nos escreva.

## APARTADO N.º 13

**AUGUSTO FERRAZ (Gaia)** — Êste senhor deseja trocar correspondência com menina ins-tituída, sobre assuntos cinematográficos.

AMOK.

# R Á D I O



S E P T E T - D

e inoportuno, tudo isto constitue motivo e razões para que o pòsto emissor da Casa Forte, sobressaia entre os mais e seja, como é, querido do público.

Vai o pòsto C. S. 1.—C. F. Casa Forte, sofrer uma revisão geral na sua montagem isto para que o público tenha na próxima época uma audição ainda mais esmerada.

Se debaixo do ponto de vista técnico e artístico o pòsto emissor da Casa Forte tem sabido impôr-se à consideração de todos, não é justo também que se esqueça o lado altruista que êle tem sabido desempenhar na sociedade portuense com raro relêvo. Recorde-se que não vai longe a data em que pelo pòsto emissor da Casa Forte foram entregues a 3 importantes estabelecimentos de caridade de esta cidade e de Vila Nova de Gaia algumas dezenas de milhares de escudos angariados mercê da nunca desmentida generosidade e espírito de benemerência dos seus auditores.

Sempre para bem servir o público radiófilo, a Casa Forte e a sua secção de rádio acabam agora de conseguir da sua representada The Crosley Rádio Corporation Cincinatti-Ohio, que é uma das maiores e mais antigas organizações de Rádio do mundo—que um novo receptor fòsse apresentado. Mas um receptor construido exclusivamente para Portugal.

Esta iniciativa é verdadeiramente sensacional quer no campo técnico, quer no campo económico. Porquê? Porque se trata de um receptor com todos os últimos aperfeiçoamentos da técnica do rádio, o qual se destinará ao público modesto que pelo facto de o ser, tem tanto direito a gozar os regosijos oferecidos pelo Progresso como o mais abastado.

Êste novo modelo permitirá uma audição com um riquíssimo volume de som, fazendo ouvir os programas de tóda a Europa sem qualquer ligação a antena ou terra, servindo para quaisquer voltagens ou correntes.

O seu preço será uma surpresa. Podem os nossos leitores ficar certos duma coisa: será o receptor mais barato até hoje apresentado no nosso País. E isto diz tudo.

Publicamos hoje duas fotografias do sugestivo Crosley modelo 1934 que tem sido o grande successo dos últimos tempos: trata-se dos modelos SEPTET-D de onda curta e média e ADÁGIO, Rádio-Gramofone que vem equipado com os últimos aperfeiçoamentos entre os quais o novo motor de 2 velocidades (38 e 72 voltas por minuto) o que lhe permite utilizar os modernos discos dos filmes sonóros. Emfim, uma verdadeira maravilha.

## O Pòsto Experimental C. S. 1. — C. F. CASA FORTE

Tem procurado a Casa Forte, por intermédio do seu pòsto emissor, bem servir a causa Radiófila no nosso País?

Ninguém poderá dizer que não. Sobejamente conhecidos são os sacrificios que um pòsto emissor acarreta. E a verdade é que a Casa Forte não tem hesitado em possuir uma estação emissora, sempre dispendiosa, sem a mínima compensação. É bem conhecido já do público radiófilo o ter a Casa Forte procurado acima de tudo cumprir a sua divisa: « Bem servir o público radiófilo sem a menor compensação ». Os programas mais variados, as primicias das últimas novidades em discos, isenção do reclame constante



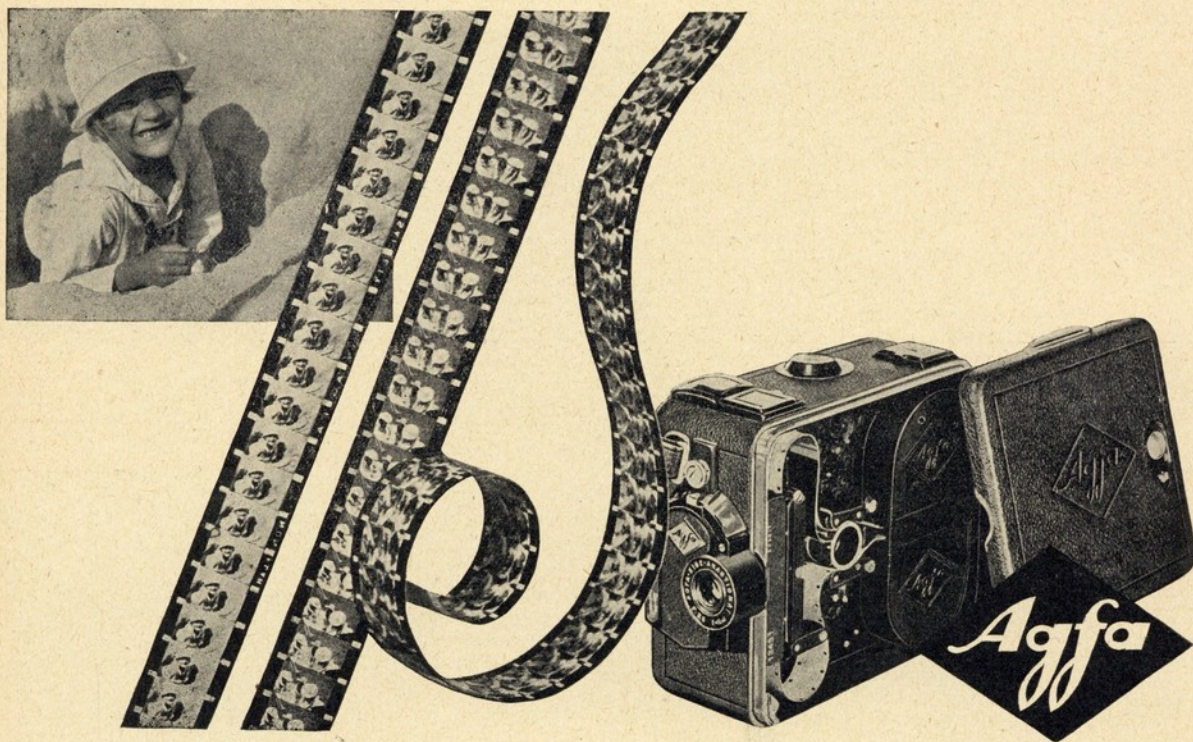
CASA FORTE  
RUA SÁ DA BANDEIRA, 281  
RUA SANTA CATARINA, 20

A D Á G I O

# Os Filmes de Crianças

s ã o e n c a n t a d o r e s

Com a AGFA-MOVEX  
todos os podem fazer



Peça um prospecto ao seu fornecedor de artigos AGFA





CAROL LOMBARD  
deita contas à vida para  
mandar pintar a sua casa  
com

**MURALINE**

MÁRIO COSTA & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>  
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º  
TELEFONE, 2571 — PORTO

# LEIA

no próximo numero o  
que se escreverá sôbre o

NUMERO DE  
ANO NOVO

**movimento** \_\_\_\_\_ número 6  
\_\_\_\_\_ 15 de setembro  
**quinzenário cinematográfico** \_\_\_\_\_ 1 9 3 3

capa, comp. e imp. da  
tip. costa carregal  
tr. passos manôel, 27  
p ô r t o

propriedade de  
armando e armando

assinaturas:  
6 números — 9\$00  
12 números — 18\$00  
avulso 1\$50

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto  
êste número foi visado pela comissão de censura

<p>TEATRO AVEIRENSE AVEIRO 30 o/o NA MATINÉE DE 17 DE SETEMBRO — — DE 1933 — —</p>	<p>TEATRO AVEIRENSE AVEIRO 30 o/o NA MATINÉE DE 24 DE SETEMBRO — — DE 1933 — —</p>	<p>TEATRO AVENIDA COIMBRA 30 o/o NA MATINÉE DE 17 DE SETEMBRO — — DE 1933 — —</p>	<p>TEATRO AVENIDA COIMBRA 30 o/o NA MATINÉE DE 24 DE SETEMBRO — — DE 1933 — —</p>	<p>TIVOLI COIMBRA 30 o/o NA MATINÉE DE 17 DE SETEMBRO — — DE 1933 — —</p>
--	--	---	---	---

<p>TIVOLI COIMBRA 30 o/o NA MATINÉE DE 24 DE SETEMBRO — — DE 1933 — —</p>	<p>SÃO JOÃO PORTO 50 o/o NA MATINÉE DE 21 DE SETEMBRO — — DE 1933 — — 2 ENTRADAS</p>	<p>SÃO JOÃO PORTO 50 o/o NA MATINÉE DE 28 DE SETEMBRO — — DE 1933 — — 2 ENTRADAS</p>	<p><b>6</b> <b>movimento</b></p>
---	--	--	--------------------------------------

Concorrendo a este concurso ficará habilitado aos seguintes prêmios:

A todos os concorrentes que se classifiquem, daremos o direito de assistir GRATUITAMENTE a uma sessão no São João-Cine. Aos primeiros 20 concorrentes que se apresentem daremos gratuitamente UMA ASSINATURA ANUAL da nossa revista, com todas as vantagens dos assinantes «a pagar».

ENTRE OS CONCORRENTES QUE SE CLASSIFIQUEM SERÁ SORTEADO UM PRIMEIRO PRÊMIO AGRADABILÍSSIMO, OU SEJA: 15 DIAS EM LISBÔA, NO HOTEL METROPOLE, COM AS DESPEZAS PAGAS INCLUINDO VIAGEM, ALMOÇO E JANTAR NO RÁPIDO, ESTADIA NO HOTEL E BILHETES DE CINEMA TODAS AS NOITES.

Além disso, o nosso correspondente em Lisboa estará à disposição do feliz premiado para lhe conseguir assistência aos trabalhos cinematográficos em curso.

## BASES DO CONCURSO DA REVISTA «MOVIMENTO» E DO «SÃO JOÃO-CINE»



Cada uma das páginas desta caderneta destina-se a receber as fotografias de um Artista e uma Estréla entrando no filme cujo nome leva impresso. Dêstes dois selos, um será entregue a todos os frequentadores do São João, e o outro será publicado no número da revista MOVIMENTO que à data se encontre à venda.

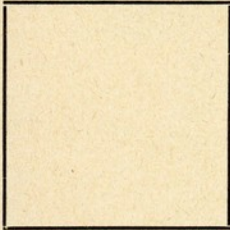
Para maior comodidade em obter o selo que deve ser colecionado junto com aquele que é fornecido pelo São João-Cine, a revista em que esse selo vem publicado estará à venda nos dois bufetes do mesmo cinema.

Não é possível haver confusões entre os dois selos que devem ser colados juntamente em cada uma das páginas, visto que cada página leva não só o nome do filme como também o nome dos artistas que nesse filme entram, e os selos por sua vez levam também o nome dos artistas que representam.

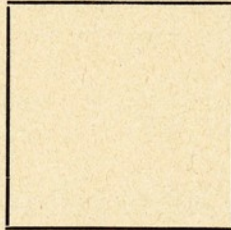
A ARANHA

Filme

LOIS MORAN



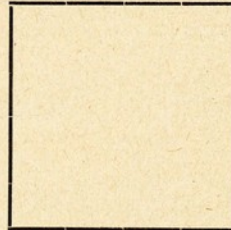
EDMUND LOWE



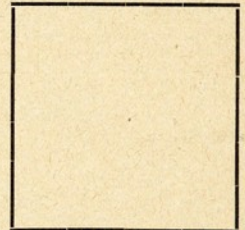
L. F. I NÃO RESPONDE

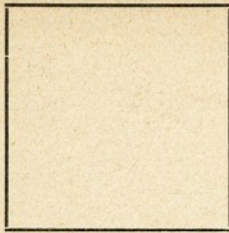
Filme

JEAN MURAT

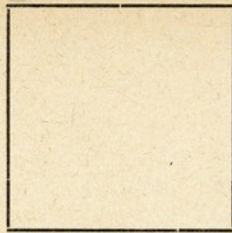


DANELE PAROLA

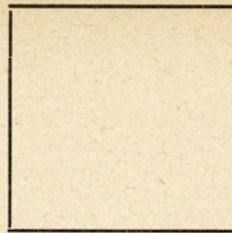




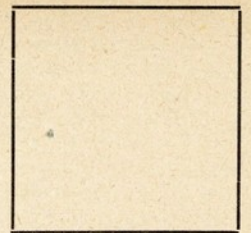
MARTA EGGERT



ERNEST VEREBES



TRUTE VON MOLLO  
ou  
LIANE HAID



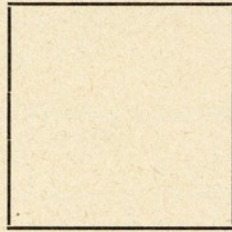
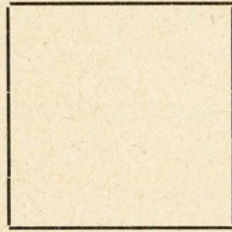
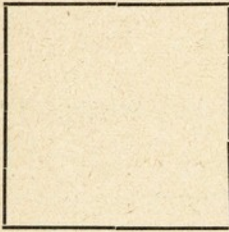
CARL LUDWIG  
ou  
GUSTAV FRÖELICH

Filme  
O AZUL DO CÉU

Filme FRENTE INVISÍVEL  
ou  
NÃO QUERO SABER QUEM ÉS

Filme  
AS IRMãs DE CELESTINA  
ou  
24 HORAS  
NOËL-NOËL  
ou  
CLIVE BROOK

Filme  
SEGREDOS DE UMA SECRETARIA  
ou  
DAMAS DO PRESIDIO  
H. MARSHALL  
ou  
G. RAIMOND  
ou  
SILVIA SIDNEY  
ou  
CLAUDETTE COLBERT



MARTHA EGGERT

EDMUND LOWE

NOËL-NOËL

CLIVE BROOK

ERNEST VEREBES

H. MARSHALL

MARIE GLORY

JEAN MURAT

TRUTE VON MOLLO

LÓIS MORAN

G. RAIMOND

MIRIAM HOPKINS

SILVIA SIDNEY

LIANE HAID

CLAUDETTE COLBERT

DANIELE PAROLA

GUSTAV FRÖELICH

CARL LUDWING

# SADRIL

---

**Todos os artigos, para todos os des-  
portos. Comprar na CASA SADRIL,  
é comprar o melhor pelo  
m e n o r p r e ç o .**

**Rua Elísio de Melo, 28 -- Sala 3 -- PORTO**

# Editorial Movimento

---

**O PRIMEIRO CADERNO DE ELUCIDACÃO CINEMATOGRAFICA**

**sairá em Outubro  
e conterá**

**Cinema Português**  
por Alves Costa

**A nova teoria da juventude**  
por Fernando Barros

Esta publicação será feita por inscrição,  
saíndo os cadernos mensalmente.

**Pede um boletim de inscrição e as condições.**